

GRAMSCI: UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NESSE “MUNDO GRANDE, COMPLICADO E TERRÍVEL”

GRAMSCI: A PERSON WITH DISABILITIES IN THIS “BIG, COMPLICATED AND TERRIBLE WORLD”

GRAMSCI: UNA PERSONA CON DISCAPACIDAD EN ESTE “MUNDO GRANDE, COMPLEJO Y TERRIBLE”

Douglas Christian Ferrari de Melo¹

Décio Nascimento Guimarães²

Patrícia Teixeira Moschen Lievore³

RESUMO: O presente artigo busca analisar a influência da deficiência de Gramsci em sua trajetória e biografia, além de mostrar leituras capacitistas e/ou apresentando apenas o viés clínico nas biografias do teórico. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa por meio da pesquisa bibliográfica nas biografias já publicadas em português sobre o autor, bem como uma pesquisa documental das cartas, conforme publicadas nas *Cartas do Cárcere*, volumes I e II, por Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques (2005). A partir das nossas análises, foi possível perceber que as biografias traduzidas que hoje temos acesso no Brasil não apresentam ou apresentam muito rapidamente o fato de Gramsci ter sido uma pessoa com deficiência, por um viés patológico ou mesmo como algo terrível que poderia ter acontecido em sua vida. Além disso, indica que é preciso fazer novas pesquisas documentais sobre a historiografia e a biografia do filósofo sardo.

Palavras-chave: Antonio Gramsci. Deficiência. Biografias. Capacitismo.

¹ Docente da UFES. Endereço eletrônico: dochris.ferrari@gmail.com

² Docente do IFF. Endereço eletrônico: decio.guimaraes@iff.edu.br

³ Doutoranda da UFES. Endereço eletrônico: profpatriciamoschen@gmail.com

ABSTRACT: This article seeks to analyze the influence of Gramsci's disability on his trajectory and biography, in addition to showing capacitist readings and/or presenting only the clinical bias in the theorist's biographies. For that, we carried out qualitative research through bibliographical research in the biographies already published in Portuguese about the author, as well as a documental research of the letters, as published in *Cartas do Cárcere*, volumes I and II by Carlos Nelson Coutinho and Luiz Sérgio Henriques (2005). Through our analyzes it was possible to perceive that the translated biographies that we have access to in Brazil today do not present or present very quickly the fact that Gramsci was a person with a disability, due to a pathological bias or even as something terrible that could have happened in his life. In addition, it indicates that it is necessary to carry out new documentary research on the historiography and biography of the Sardinian philosopher.

Keywords: Antonio Gramsci. Disability. Biographies. Capacitism.

RESUMEN: Este artículo busca analizar la influencia de la discapacidad de Gramsci en su trayectoria y biografía, además de mostrar lecturas capacitistas y/o presentar sólo el sesgo clínico en las biografías del teórico. Para eso, realizamos una investigación cualitativa a través de una investigación bibliográfica en las biografías ya publicadas en portugués sobre el autor, así como una investigación documental de las cartas, tal como se publicaron en *Cartas do Cárcere*, volúmenes I y II de Carlos Nelson Coutinho, y Luiz Sérgio Henriques (2005). A través de nuestros análisis fue posible percibir que las biografías traducidas a las que tenemos acceso en Brasil hoy no presentan o presentan muy rápidamente el hecho de que Gramsci era una persona con discapacidad, debido a un sesgo patológico o incluso como algo terrible que podría haber pasado en su vida. Además, indica que es necesario realizar una nueva investigación documental sobre la historiografía y la biografía del filósofo sardo.

Palabras clave: Antonio Gramsci. Discapacidad. Biografías. Capacidad.

INTRODUÇÃO

Iniciamos a nossa reflexão partindo do título desta investigação: “Gramsci: uma pessoa com deficiência nesse **mundo grande, complicado e terrível**”. Vale ressaltar que a expressão em destaque foi utilizada por Gramsci em uma carta à Tania Schucht, em 20

de fevereiro de 1928, e norteará nossas análises a respeito do ser humano Gramsci, uma pessoa com deficiência, que viveu e refletiu sobre as complexas e contraditórias relações da nossa sociedade.

Desde muito cedo, Gramsci aprendeu a viver em condições difíceis. Quando tinha cerca de oito anos de idade, teve uma espécie de tuberculose óssea grave, que o deixou corcunda. Na época, por credice, a mãe creditava a deficiência ao fato de a empregada da família tê-lo deixado cair. O próprio Gramsci recordava-se de ter sabido disso pelos pais, em uma carta de 1933 à cunhada (GRAMSCI, 2005b; FIORI, 1979). O que sabemos sobre isso, por meio de uma investigação histórica mais atual, é o laudo do médico Umberto Arcangeli, de 25 de março de 1933, que, em uma das tentativas de libertação de Gramsci da prisão, afirma que ele tinha uma “[...] cifoesciose grave em razão de um mal de Pott sofrido na infância [...]” (VACCA, 2012, p. 383).

O fato de que a deficiência de Antonio Gramsci possa ter influenciado sua concepção de mundo é uma das hipóteses que pretendemos aprofundar neste estudo e que já vinha sendo desenvolvida. Tal hipótese ganhou relevância após uma apresentação realizada em um evento da *Internacional Gramsci Society* (IGS), em que, após a exposição de alguns estudos e dados sobre a deficiência na vida de Gramsci, vimos a possibilidade de inaugurar uma nova forma de lê-lo e compreendê-lo. Uma leitura humana do Gramsci, que complemente a leitura do militante político e do teórico marxista. Uma leitura a partir da ótica de uma pessoa com deficiência, algo parecido com as produções de Gianni,⁴ que consegue nos levar a uma interpretação de Gramsci a partir do seu lugar de origem, a Sardenha, pois o próprio Gianni é sardo. Neste sentido, uma leitura humana: Gramsci: pessoa com deficiência + pessoa sarda⁵ desse teórico.

Algumas perguntas norteiam a nossa pesquisa: Por que a deficiência de Gramsci foi

⁴ FRESU, G. L'universale incompleto. *Questione liberale ed emancipazione. Open edition Journals, Politique et société*, [s. l.], n. 28, p. 1-13. jul. 22. Disponível em <https://journals.openedition.org/laboratoireitalien/8944?lang=it>. Acesso em: 22 fev. 2023.

FRESU, G. L'autonomia integrale. Subalternità ed emancipazione nelle vicende del popolo sardo. In: LUSCI, P.; MARC, G. *Il pensiero necessario Teoria e prassi nella vita politica di Umberto Cardia*. Monastir, Itália: Grafiche Ghiani, 2022. p. 237-262.

⁵ Para mais informações: FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo*. Tradução: Rita Matos Coitinho. São Paulo: Boitempo, 2020.

esquecida, mesmo após o acesso ao laudo do médico Arcangeli? Por que olhar a deficiência de Gramsci somente pelo viés clínico, visto que o marxismo se guia pelas questões sociais e históricas? Pensando na formação do homem integral, o pensamento de um autor também não se relaciona com questões orgânicas (deficiência primária) dentro de um ambiente social (deficiência secundária)?

Sendo assim, o nosso artigo tem como objetivo trazer a questão da deficiência de Gramsci e sua influência em sua trajetória, além de mostrar leituras capacitistas e/ou apresentando apenas o viés clínico nas biografias sobre o teórico. Nesse caminho, lançamos a hipótese a ser estudada posteriormente, com mais acesso aos documentos, de que, com base na teoria histórico-cultural de Vigotski, a condição de deficiência possa ter influenciado a concepção de mundo de Antonio Gramsci, tendo por base a deficiência como uma filosofia de vida. Nesse sentido, realizamos uma análise das contribuições de Vigotski (2021) no campo da Defectologia, com o intuito de compreender o processo de supercompensação vivenciado pelas pessoas com deficiência.

Optamos, neste artigo, por realizar uma pesquisa qualitativa por meio da pesquisa bibliográfica nas biografias já publicadas em português sobre o autor, bem como uma pesquisa documental das cartas, conforme publicadas nas *Cartas do Cárcere*, volumes I e II, por Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques (2005). A pesquisa bibliográfica, conforme Amaral (2007),

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 1).

Além da pesquisa bibliográfica, realizamos uma pesquisa documental pelas cartas que Antonio Gramsci escreveu durante o período em que esteve preso, com um intuito de analisarmos seus posicionamentos diante da vida e de sua própria existência como pessoa com deficiência. Coadunamos com Cellard (2008), que nos apresenta a análise documental como possibilidade para que o investigador observe o processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos,

mentalidades, práticas, entre outros.

Ressaltamos que as reflexões e estudos compartilhados no presente artigo partem da perspectiva autoral de dois pesquisadores com deficiência e uma pesquisadora filha de pessoa com deficiência, fato que reafirma o lema mundialmente propagado: “Nada sobre nós sem nós”. Na sequência desta introdução, apresentamos quatro seções: “Gramsci: uma pessoa com deficiência”; “Modelo social da deficiência e capacitismo”; “Biografias de Gramsci: esquecimentos e capacitismos” e “A deficiência e o modo de ser e pensar de Gramsci”; encerrando as nossas discussões, nossas considerações finais.

1 GRAMSCI, PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Antonio Gramsci, desde muito pequeno, sofria do mal de Pott, que é um tipo de tuberculose extrapulmonar que afeta a coluna vertebral. Além de desenvolver uma cifose (corcunda), o problema de saúde também causava convulsões, ficando assim com o seu crescimento físico “[...] comprometido e, por todos os males que sofria, sua mãe vivia sobressaltada com a perspectiva de sua morte, chegando a manter um caixãozinho e uma roupinha para a ocasião, até 1914 aproximadamente [...]” (PAIVA, 2018, p. 22). Conforme seu próprio relato em uma de suas cartas escritas no cárcere:

Quando menino, aos quatro anos, tive hemorragias por três dias seguidos, que me debilitaram completamente, acompanhadas de convulsões. Um médico me considerou morto e minha mãe conservou, até por volta de 1914, o pequeno caixão e a roupinha especial que deviam servir para me sepultar; uma tia afirmava que eu havia ressuscitado quando ela me ungiu os pezinhos com um óleo de uma lâmpada dedicada a uma imagem de Nossa Senhora, coisa que me impressionava pouco, para dizer a verdade. A partir de então, embora não tenha sido nunca muito forte, não tive mais nenhuma doença grave, com exceção de esgotamento nervoso e dispepsias (GRAMSCI, 2005b, p.82).

Entretanto, só soube do seu verdadeiro diagnóstico na fase adulta, pois, durante a sua infância, Gramsci acreditava que seus problemas de saúde teriam sido causados por uma queda que sofrera do colo da empregada, conforme o seu relato:

Que eu saiba, minhas doenças de infância foram devido a uma queda, escondida dos meus pais pela empregada. Porque um elemento, um tanto ficcional, estava ligado a este episódio: a criada que teria sido seduzida pelo médico, eu acho que fugiu do país com medo de retaliações familiares; a mulher usou o mal-estar provocado pela minha queda para induzir a minha mãe a fazer uma longa e desastrosa viagem (D'ORSI, 2022, p. 30).

Só na prisão, através do laudo do doutor Umberto Arcangelli, é que tomou consciência de que seus problemas físicos foram ocasionados pelo mal de Pott:

Antonio Gramsci, detido na penitenciária de Turi, sofre de grave cifoscoliose por causa do mal de Pott, tido na infância; tem lesões tuberculares no lobo superior do pulmão direito, que provocaram duas hemoptises, das quais uma em quantidade considerável, com febre por alguns dias; sofre de arteriosclerose, com hipertensão das artérias (GRAMSCI, 2005b, p. 319).

Conforme o relato de sua irmã Teresina, o pequeno Antonio, quando criança, era mais fechado e “ela acreditava que o fosse pela anomalia física” (PAIVA, 2018, p. 23). Mesmo nas brincadeiras de criança, o menino sorria “só que o seu Sorriso não era um riso de criança. Nunca ouvi rir com alegria” (FIORI, 1979, p. 34). Gramsci “não participava de todos os jogos; obviamente, excluía aqueles mais tipicamente masculinos, baseados principalmente no uso da sua força, dada sua condição física” (D'ORSI, 2022, p. 39).

Pela sua condição física, ele foi superprotegido pela sua família durante a sua infância, conforme podemos constatar no depoimento de sua irmã:

Antonio frequentava a escola primária de Ghilarza. A mãe, devido à sua saúde precária, o havia mandado ao colégio quando já crescido, com sete anos e meio e para que ele não se cansasse, ainda consegui arranjar tempo para acompanhá-lo nos estudos (FIORI, 1979, p. 23).

Embora vivessem em situação de miséria, Gramsci gozava de alguns privilégios devido às suas condições: “no desjejum, a mãe lhe dava um ovo com açúcar e marsala e também pão de sêmola, enquanto as irmãs e irmãos comiam apenas pão preto” (LEPRE,

2001, p.12). Por conta dos problemas financeiros enfrentados pela família após a prisão de seu pai, Gramsci, com 11 anos, foi trabalhar no cadastro:

[...] não que tivesse saúde suficiente para trabalhar já naquela idade.[...] A exaustão física de uma criança já fisicamente atormentada não poderia deixar de acarretar reflexos psicológicos. Todo esse conjunto de circunstâncias, ou seja, à aflição do corpo, sofrimento pelo pai na prisão, o clima pesado na família e as inevitáveis renúncias (mesmo que em casa todas as atenções se voltassem para ele; o melhor quarto, a melhor comida) levaram a ficar cada vez mais triste (FIORI, 1979, p. 33).

Durante a sua juventude, os problemas de saúde e as dificuldades continuaram a fazer parte de sua trajetória, dificultava até mesmo os seus estudos. É possível perceber que os problemas de saúde e condições físicas também afetavam Gramsci psicologicamente, que continuava sendo mais reservado e com poucas amizades:

Diferente de todos pela constituição física e com poucas ligações, seja no ambiente universitário seja fora dele. O jovem sardo, de temperamento fechado e não propenso a fazer amizade com facilidade, dava-se apenas com dois colegas (FIORI, 1979, p. 104).

Além disso, tais condições chegaram a dificultar, em alguns momentos, a sua trajetória escolar e acadêmica, como é possível perceber nesse relato:

O Conselho Diretor do Colégio das Províncias ocupou-se do seu caso na reunião de 19 de fevereiro de 1914. “Gramsci Antonio”, consta na ata publicada pela primeira vez o Domenico Zuccaro, não pode prestar nenhum exame por motivo de doença grave, comprovada por certificado médico do Dr. Allasia, do qual resulta que o senhor Gramsci está afetado por grave neurose... o jovem declarou à secretaria que deseja adiar os exames para alongamento da sessão outonal (FIORI, 1979, p. 115).

No intuito de amenizar os seus problemas físicos ou até mesmo de “corrigi-los”, Gramsci, desde a sua infância, dedicava-se com muito empenho aos exercícios físicos: “dedicou-se aos aparelhos de ginástica, desde criança, com uma força de vontade fabulosa e resoluta de corrigir, por todos os meios possíveis, o defeito físico. Nino se dedicava

todo dia, metodicamente, a levantar pesos” (FIORI, 1979, p. 24). Durante o período em que esteve preso, a sua saúde e condições físicas pioraram muito, sofrendo algumas crises que pioraram sua saúde. Entretanto, Gramsci sempre tentava passar uma imagem de força e resistência, conforme relato em uma de suas cartas escritas no cárcere (Carta nº21):

Eu lhe asseguro que sempre estive bastante bem e possuo em mim energias físicas que não se esgotam facilmente, apesar das aparências de fragilidade. Acha mesmo que não adiantou nada o fato de ter sempre levado uma vida extremamente sóbria e rigorosa? (GRAMSCI, 2005a, p. 117).

É possível que toda essa força física e moral possa ter sido utilizada como um mecanismo de supercompensação social, como forma de criar esforços ou mesmo um escudo protetor contra as dificuldades que lhe foram impostas pelo fato de ser uma pessoa com deficiência. Assim relata:

É absolutamente tranquila quanto às minhas condições de força moral e também de saúde física. Quanto à força moral, você me conhece um pouco. Lembre-se daquela vez (mas talvez não lhe tenhamos dito nada na época) em que fizemos uma aposta, entre os rapazes, sobre quem suportava mais dando golpes de pedra sobre os dedos até que saísse uma gota de sangue da ponta dos dedos (GRAMSCI, 2005a, p.163).

Foi durante a sua prisão que Gramsci recordou-se da sua experiência. Podemos dizer que foi a primeira, em relação à deficiência, um fato que marcou muito a sua vida quando ele tinha oito ou nove anos e que ele relaciona à sua própria condição de prisioneiro:

Lembro que minha mãe se referia muitas vezes a essa mulher com uma mártir, que tantos sacrifícios fazia em favor desse seu filho tantas dores suportava. Num domingo de manhã, por volta das 10, fui enviado a casa dessa mulher; devia entregar certos trabalhos de crochê e receber o dinheiro. Encontrei-a fechando a porta de casa, tido para ir à missa solene: debaixo do braço, carregava um cesto. ao me ver, hesitou um pouco, mas logo se decidiu. disse-me que acompanhasse até um certo lugar e, na volta, receberia o crochê e me daria o dinheiro. levou-me para fora do vilarejo, bem na horta repleta de resto e entulhos; num canto, havia uma construção que devia servir de

chiqueiro, com 1 m e 20 de altura, sem janelas ou aberturas, unicamente com uma pesada porta de entrada. Abriu a porta e logo se ouviu um uivo bestial; lá dentro estava seu filho, um rapaz de 18 anos, de compleição muito robusta, que não podia ficar em pé e, por isso, estava sempre sentado e saltitava com as nádegas na direção da porta, tanto quanto lhe permitia uma corrente que o amarrava pela cintura e estava presa a uma argola pregada na parede. Estava coberto de imundice, só os olhos tinham uma tonalidade vermelha, como os de um animal noturno. A mãe despejou numa gamela de Pedra o conteúdo do cesto, uma mistura de todos os restos de comida da casa, e encheu de água uma outra gamela, depois fechou a porta e fomos embora. Não disse nada a minha mãe sobre o que havia visto, tão impressionado estava e tão convencido de que ninguém acreditaria em mim. Nem mesmo quando ouvi falar de novo dos sofrimentos daquela pobre mãe, intervir para corrigir essa impressão e falar da desgraça daquele pobre farrapo humano abandonado nas mãos de tal mãe. Por outro lado, o que podia fazer aquela mulher? Como vê, é possível fazer comparações concretas e consolar-se à maneira de Cândido (GRAMSCI, 2005b, p. 297-298).

Nas suas cartas do cárcere, podemos perceber ainda as sequelas físicas da deficiência, falando através de uma perspectiva orgânica, e sequelas psicológicas, produzidas pelos impedimentos sociais:

[...] minhas condições psíquicas, se estão ligadas às condições físicas, não são a causa e a origem delas. São, no máximo, o sintoma exterior ou a forma: assim, mesmo que, por hipóteses, elas desaparecessem, nem por isso desapareceriam os males físicos: mudaria a forma, só isto o que não me parece grande coisa. Considerados em si, os males psíquicos são bastante graves (no sentido de que minha força de vontade cada vez menos consegue dominá-los e controlá-los) e este agravamento é um sintoma de exaustão física, isto é, sem dúvida, de enfraquecimento da vontade no sentido físico da palavra: também sinto uma desagregação das forças intelectuais em si e você mesma deve ter tido essa impressão em algumas de minhas cartas (GRAMSCI, 2005b, p. 313).

Para além do olhar clínico acerca da deficiência, que segrega e oprime os sujeitos, é preciso descortinarmos que, na verdade, a sociedade é quem produz as desigualdades, quando impõe barreiras que impedem que as pessoas com deficiência (PCD's) vivam

plenamente. Nesse sentido, o modelo social da deficiência nos permite uma reflexão que não está centrada nas características físicas, sensoriais e culturais das pessoas com deficiência, mas sim na forma com que a sociedade as percebe.

2 MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA E CAPACITISMO

O modelo social da deficiência se contrapõe ao modelo médico dominante ao defender que a não participação das pessoas com deficiência na escola, no trabalho, na família e na sociedade, em geral, não deve ser refletida a partir dos impedimentos provocados pela lesão, mas a partir da identificação das barreiras sociais, comunicacionais, físicas e atitudinais, que limitam a expressão de suas potencialidades, nesse sentido, a lesão, compreendida como uma condição biológica, deve ser distinguida da deficiência, que é uma construção social.

O fato de não compreendermos a deficiência como algo anormal não significa que estamos ignorando um corpo com lesão, pois pessoas com e sem deficiência necessitam de recursos médicos ou de reabilitação, bem como cuidados clínicos em diferentes momentos de sua vida. Na atualidade, com os avanços biomédicos, é possível notar uma melhoria no bem-estar das pessoas com e sem deficiência, sendo que no modelo médico, a deficiência é resultado natural da lesão e a pessoa com deficiência deve ser alvo de cuidados médicos. Mas, contrapondo ao modelo médico, existe o modelo social que enfatiza a origem social das lesões e o reconhecimento das desvantagens sócio-históricas sofridas em função destas, como pontua Diniz (2007).

Para Diniz (2007, p. 5), “a afirmação da deficiência como um estilo de vida não é resultado exclusivo do progresso médico. É uma afirmação ética que desafia nossos padrões de normal e patológico”. Portanto, nesse modelo não existe limitações, mas impedimentos, uma vez que a deficiência é vista na perspectiva relacional. Nesse sentido, Colin Barnes afirma, em uma entrevista a Débora Diniz, que: “As pessoas têm impedimentos; elas não necessariamente têm deficiências. A deficiência é imposta a elas por uma sociedade insensível” (BARNES, 2013, p. 244).

Padrões são estabelecidos pela sociedade como atributos de normalidade, e os sujeitos que não se enquadram nesses padrões, em muitos casos, são erroneamente descritos como monstruosos ou com demônios. Porém, mesmo sendo uma ideia do século XIII, quando, de acordo com Seabra Júnior (2006, p. 11), “[...] com a dominação da ideologia cristã na Europa, a estranheza do ‘fantástico’ vai ser substituída em grande parte pelo temor do maligno [...]”, esse pensamento ainda existe na atualidade.

Nesta perspectiva, o termo deficiência pode ser compreendido como uma produção social situada no tempo e no espaço, presente nas relações humanas porque, ao longo da história, a deficiência foi concebida das mais diferentes formas: esteve relacionada ao temor, medo, exclusão, eliminação ou admiração. Vale destacar que é com o capitalismo que a deficiência assume uma relação com a incapacidade ou limitação (PICCOLO; MENDES, 2012).

Neste sentido, um ser humano, ao apresentar uma característica capaz de atrair a atenção ou mesmo o isolar das demais pessoas, possui um estigma. “Um estigma é, então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo [...] Fazendo com que, preliminarmente, a marca corporal fique em evidência, efeito de descrédito, com caráter profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 1978, p. 8).

É nesse cenário que analisamos o termo “capacitismo”, que, embora ainda seja pouco empregado no Brasil, nos possibilita ter uma visão mais ampla sobre a deficiência, contemplando os aspectos teóricos-conceituais ou políticos (FARIAS, 2017). O capacitismo é materializado pelas atitudes preconceituosas que determinam os espaços a serem ocupados pelos sujeitos, a partir de uma adequação dos seus corpos e de sua capacidade funcional (MELLO, 2014).

Mello (2014) propõe que aqui no Brasil seja adotado o termo capacitismo, ressaltando que é urgente a visibilidade dessa forma peculiar de opressão contra as pessoas com deficiência. Objetiva o destaque social e político, a fim de desconstruir esse tipo de discriminação que “se materializa na forma de mecanismos de interdição de controle biopolítico de corpos com base na premissa de (in)capacidade” (MELLO, 2014, p. 55).

Não só o esquecimento do fato de que Gramsci era uma pessoa com deficiência é marcante nos estudos gramscianos, especialmente por biógrafos do Brasil e da Itália, como também a forma preconceituosa com a qual essa questão é tratada. Muitas vezes, apresentam falas carregadas de capacitismo por meio de expressões como “apesar de seus problemas físicos”, “apesar de problemas de saúde”, “embora sua condição física”, entre outras.

3 BIOGRAFIAS DE GRAMSCI: ESQUECIMENTOS E CAPACITISTISMOS

Nesta seção, faremos uma reflexão sobre algumas biografias que falam sobre Gramsci, analisando as formas de apresentação ou não do fato dele ter sido uma pessoa com deficiência, tentando identificar discursos com uma visão clínica e capacitista. As biografias analisadas foram: *A vida de Antônio Gramsci*, de Giuseppe Fiore (1979), que trabalha com depoimentos de familiares e pessoas que conviveram com ele; *Vida e pensamento de Antonio Gramsci*, de Giuseppe Vacca (2012), e *Gramsci: uma nova biografia*, de Angelo d’ Orsi (2022), que fazem uma análise de depoimentos e documentos históricos e apresentam novas descobertas sobre sua vida. Além dessas, recorreremos ao artigo biográfico *Gramsci do início ao limite da liberdade interior*, publicado no livro *O Fermento de Gramsci da nossa filosofia, política e educação* (PAIVA, 2018).

Vale destacar que as biografias não apresentaram Gramsci como uma pessoa com deficiência, expondo as suas dificuldades físicas apenas a partir de um viés clínico ou como um problema de saúde, como é possível observar nos trechos a seguir:

Mas, ao menos no início de 1933, as faculdades críticas e à vontade mantinham-se como que separadas do corpo doente, externas a este e em nada condicionadas pelo sofrimento físico. Continuavam lúcidas, mesmo no máximo da tensão. “Eu atravessai maus momentos em que me senti fisicamente fraco, mas nunca cedi a fraqueza física, e, até onde é possível haver tais coisas, creio que não me deixarei abater. Contudo, não posso me ajudar muito. Quanto mais me dou conta de que tenho de suportar maus momentos, devidos à fraqueza e ao agravamento das dificuldades, mas me animou na contenção de toda a minha força de vontade” (30 de janeiro de 1933). Era **uma vida**

sofrida insuportável, mas ainda assim Gramsci queria vivê-la (FIORI, 1979, p. 340, grifo nosso).

Parece ter sido esquecido, ou visto como algo menor, que estamos falando de Antônio Gramsci, um escritor que tinha uma deficiência, e que não somente “tinha problemas físicos”. O que disso podemos entender é que, muito provavelmente, essa condição teve impactos em sua vida pessoal, teórica e de militante. Como vimos, não são raros os relatos de Gramsci sobre suas condições de saúde e suas consequências em seus estudos, trabalho e militância. Tal fato é até mesmo ressaltado por Maria Alice Rezende de Carvalho, que prefaciou a edição brasileira da biografia escrita por Giusepe Vacca, em que afirma:

[...] o menino pobre e enfermiço, que cresceu com uma corcova as costas e teve os movimentos limitados por aquela circunstância, desaparece completamente do campo de visão de Vacca, assim como a sensibilidade extremada, o sentimento de humilhação, o ressentimento pela condenação do pai por peculato, a debilidade nervosa — sua revolta, enfim (CARVALHO, 2012, p. 20).

A biografia *Gramsci: uma nova biografia*, de Angelo d’Orsi (2022), foi a primeira, traduzida para o português, a apresentá-lo como uma pessoa com deficiência: “No entanto, ele sabia muito bem que ela (mãe de Gramsci) vivia ‘em condição de medo permanente desde o início da guerra’: três filhos no front, um quarto com deficiência e agora na prisão” (D’ORSI, 2022, p. 264).

Entretanto, mesmo sendo atual, a obra ainda traz muitas expressões capacitistas para referir-se à condição de PCD do teórico italiano, além de apresentar uma visão clínica da deficiência, como é possível observar nos trechos: “Falava calmamente, com uma voz frágil saindo de seu corpo malformado pela doença” (D’ORSI, 2022, p. 109).

[...] não um **acidente, mas uma doença, arruinou para sempre a existência da criança, do jovem, do homem**: a espondilite tuberculosa, uma doença gerada pela localização do bacilo de Koch nas vértebras, mais especificamente. Se for atingido, o corpo e a consequente formação de uma anomalia (D’ORSI, 2022, p.31, grifo nosso).

A deficiência refere-se ao modo de ser e existir de uma pessoa no mundo, não algo que possa arruinar a vida de uma pessoa para sempre, e Gramsci é um exemplo explícito disso. Jovem sardo de origem humilde, com deficiência, é um dos teóricos mais estudados no mundo, trazendo contribuições para diversas áreas do conhecimento. Assim, como podemos pensar que Gramsci teve sua trajetória arruinada?

Cada pessoa é um ser único, com suas subjetividades e possibilidades, independentemente da sua condição física, sensorial ou intelectual. O que pode arruinar a vida de uma pessoa com deficiência é o preconceito, a discriminação e barreiras impostas pela sociedade, não a deficiência, que é um fator orgânico. Coadunando com a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 6.949 (BRASIL, 2009), que afirma:

[...] pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2009, art. 1).

Palavras que tornam as narrativas capacitistas, como “embora”, “ainda”, “apesar” e “além”, são predominantes nos textos para referir-se aos feitos do teórico Antonio Gramsci. A título de exemplo, trazemos alguns excertos de um artigo:

Gramsci chega a Turim, que já era referência das massas operárias italianas e, em pouco tempo, **apesar** de problemas de saúde, envolve-se de maneira determinante na história do movimento operário italiano (PAIVA, 2018, p. 27, grifo nosso).

Gramsci, **ainda** com limitações físicas, mas livre da fase aguda da doença, dividia-se entre seu trabalho político intenso e alguns possíveis encontros com Giulia (PAIVA, 2018, p. 34, grifo nosso).

Gramsci havia feito 20 anos e já se sentia mais integrado na cidade. Seu comportamento ficará mais expansivo, **embora** sua condição física e financeira fosse muito precária (PAIVA, 2018, p. 27, grifo nosso).

Salientamos que os trechos apresentados acima são exemplos que descortinam o capacitismo estrutural que silencia, invisibiliza e coisifica a deficiência e, por conseguinte, condena os sujeitos a uma vida parcialmente reconhecida pela sociedade, que colhe dessas tão somente o que é “útil” e “produtivo”.

4 A DEFICIÊNCIA E O MODO DE SER E PENSAR DE GRAMSCI

Vigotski (2021, p. 2015) nos diz que “os sintomas primários, que nascem diretamente do próprio núcleo do defeito, acham-se intimamente ligados a esse núcleo que não se consegue vencê-los a não ser que se elimine o defeito”.⁶ Levando em consideração que, na maioria os casos, eliminar uma deficiência é praticamente impossível, até mesmo para a medicina, acabar com os sintomas primários também constitui uma tarefa impossível (VIGOSTSKI, 2021).

No entanto,

[...] as funções psíquicas que surgem no processo de desenvolvimento histórico da humanidade e cuja estruturação depende do comportamento da coletividade da criança constituem o campo que admite, em grande medida, o nivelamento e atenuação do defeito (VIGOSTSKI, 2021, p. 2015).

Garcia (1999), quando discorre sobre as contribuições de Vigotski para a educação de sujeitos com deficiência, auxilia no entendimento do que seja deficiência secundária, que

[...] compreende o desenvolvimento do sujeito que apresenta estas características [orgânicas], com base nas interações sociais. Uma vez que o autor [Vigotski] defende uma concepção de desenvolvimento que se orienta do plano social para o individual, a forma como o sujeito que apresenta uma lesão orgânica ou alteração cromossômica desenvolve-se está intimamente relacionada ao modo como vive, às interações sociais com as quais está envolvido (GARCIA, 1999, p. 43).

Ao passo que, além das dificuldades inerentes à própria limitação orgânica, as pessoas com deficiência também ficam restritas/prejudicadas quanto às possibilidades de exercerem a cidadania plena, de viverem experiências variadas em função da deficiência secundária. Podemos chamá-la de *deficiência social*, pois essa restrição só ocorre pelo fato de que os espaços públicos ou de uso coletivo, por exemplo,

⁶ Terminologia utilizada para referir-se à deficiência na época que Vigotski escreveu sobre seus estudos.

não oferecem acessibilidade adequada, expondo essas pessoas a restrições de mobilidade. Entretanto, a pessoa com deficiência pode fazer da sua “limitação” - orgânica uma força para o seu desenvolvimento, como nos diz Vigotski (2021), afirmando que:

[...] a peculiaridade positiva da criança defectiva não se origina, em primeiro lugar, do fato que nela estejam ausentes determinadas funções observáveis numa criança normal, mas do fato de que a ausência de funções traz a vida novas formações que, em sua unidade, representam a reação da personalidade ao defeito, a **compensação no processo de desenvolvimento**. Se uma criança cega ou surda, em seu desenvolvimento, atinge o mesmo que a normal, logo, **crianças com defeito atingem isso de outro modo, por outro caminho, com outros recursos** e, para o pedagogo, é de suma importância conhecer a peculiaridade do caminho pelo qual deverá guiar a criança. **A lei de transformação do menos do defeito em plus da compensação é a chave para a peculiaridade** (VIGOTSKI, 2021, p. 157, grifo nosso).

Nesse sentido, podemos considerar que a deficiência não seja algo negativo na vida de uma pessoa, mas que também possa ser uma força capaz de estimular o seu desenvolvimento, que acontece por caminhos diferentes dos quais as pessoas sem deficiência percorrem. São necessários recursos e técnicas diferenciadas e necessárias à especificidade de cada pessoa.

Vigotski (2021) utiliza a teoria da “psicologia individual” elaborada por Alfred Adler (1870-1937) para refletir sobre o papel da supercompensação na formação da personalidade da pessoa com deficiência, apresentando o seu caráter dialético, ao propor que “o desenvolvimento da personalidade se move pela contradição; o defeito, ainda a adaptação e o sentimento de inferioridade não são apenas o menos, a insuficiência, uma valoração negativa, mas também o estímulo para a supercompensação” (VIGOTSKI, 2021, p. 59).

Posto isto, podemos afirmar que a deficiência, além de criar uma força capaz de estimular o desenvolvimento das pessoas com deficiência, criando assim uma supercompensação às suas consequências orgânicas, irá influenciar a formação da sua personalidade. Percorremos esse caminho para lançar, a partir de todo o arcabouço teórico apresentado, uma hipótese de que, se a deficiência pode dar origem a tantos processos

psíquicos e de formação da própria personalidade de um indivíduo, possa então influir na construção de sua concepção de mundo.

Assim, Gramsci criou uma fortaleza moral para “esconder” sua fragilidade física. Durante sua infância e juventude, excluiu-se e/ou foi excluído de muitas brincadeiras, festas e manifestações. Fato que o levou a ter poucos amigos e a viver isolado (FIORI, 1979). Como ele próprio diz: “[...] parecer forte, mais forte do que era compatível com a minha idade, criei em mim uma capa exterior de frieza, da qual depois não conseguir me livrar e talvez nem atenuar” (GRAMSCI, 2005b, p. 137). Talvez, por isso, a dedicação aos estudos o distraía como uma das poucas ocupações. E mesmo com todas as dificuldades do cárcere, mantinha-se, na medida do possível, motivado:

Anime-se, pois, e não se deixe abater pelo ambiente de cidadezinha sarda: é preciso sempre ser superior ao ambiente em que se vive, sem por isso desprezá-lo ou se considerar superior. Compreender e raciocinar, não choramingar feito uma mocinha! Compreendeu? Mas será que justamente eu, que estou na prisão, com perspectivas ruins, é que deve encorajar um rapaz que pode movimentar-se livremente, pode aplicar sua inteligência no trabalho cotidiano e se tornar útil? (GRAMSCI, 2005a, p. 190).

Não podemos nos esquecer de que todos somos frutos de nossa história e do que nos constitui, inclusive nossas condições orgânicas, e, coadunando com Paiva (2018, p. 21), a construção do pensamento de Antonio Gramsci é “resultado das experiências vividas por ele, seja no nível pessoal (emocional) ou político-social, sem ser possível separá-las”.

A referência à deficiência é tão forte na vida de Gramsci que podemos encontrar, em cartas escritas por ele, exemplos. Em um acontecimento vivido na infância e relatado durante o período em que esteve preso, em uma carta à cunhada em 1933, Gramsci recorda-se de ouvir comentários sobre ele como uma criança que era uma “[...] grande desgraça para a mãe, um idiota, um monstro ou algo parecido”. Além disso, através de seus escritos, é possível notar que Gramsci reconhecia que tinha uma deficiência, que sua condição física era uma questão orgânica e não fruto de um mito, da sua queda, contada

para esconder os fatos:

A incapacidade de ser um ser humano “normal”, dotado de uma condição física aceitável que, com suas possibilidades, permite se obter uma renda: “Se me sentisse sempre bem, teria oportunidade de ganhar 500 libras por mês”. Mas, depois confessava: o que me prejudica é estar sozinho; ter que confiar sempre nos outros, ter que viver na *tratoria* [*sic*], gastando muito por estar doente (D’ORSI, 2022, p. 86).

Gramsci era muito estudioso e disciplinado, canalizando a sua força e tempo para a atividade. Mesmo no cárcere, ele mantinha uma rotina de leituras e produções escritas em seus cadernos muito intensa, embora não tivesse muitos recursos e uma literatura diversificada a sua disposição:

Naturalmente, ainda leio muito, mas sem interesse, mecanicamente. apesar de estar acompanhado, leio um livro por dia e até mais. [...] Leio muito, livros e revistas; muito em relação a vida intelectual que pode ter numa prisão (GRAMSCI, 2005a, p. 299).

Muitas vezes, dedicar-se aos estudos pode ser uma forma de supercompensação e/ou refúgio para as pessoas com deficiência, sendo uma maneira de suprir tudo aquilo que lhes é negado pela sociedade. Como uma forma de serem vistos, já que, em sua grande maioria, são invisibilizados ou mesmo diminuídos por sua condição física, sensorial e cultural. Para tanto, alertamos ser impossível mensurar o que o outro sente e experimenta, todavia, o que podemos afirmar é que cada sujeito desenvolve suas próprias estratégias de luta e resistência.

Outro ponto chama a atenção: em uma carta do verão de 1936, ele questiona a esposa sobre o porquê do segundo filho do casal, Juliano, ter sido matriculado em uma escola especial da ex-União Soviética, onde ficou por cerca de um ano: “É cada vez mais difícil lhe escrever, mas Tatiana insiste que mande pelo menos algumas linhas e, pelo menos, essas notícias exatas sobre as razões que levaram ao envio de Julie que para uma escola especial” (GRAMSCI, 2005b, p. 405). O fato é que o menino foi enviado para a escola especial simplesmente por ter demorado mais a começar a falar, em comparação a outras crianças. Gramsci faz assim uma crítica do que hoje poderia ser chamado de

produção da deficiência. Mesmo preso e com a dificuldade de comunicação, ele tentava se informar sobre o desenvolvimento de seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a nossa pesquisa, foi possível perceber que a deficiência marcou a trajetória de Gramsci, bem como a sua concepção de mundo. Entretanto, as biografias traduzidas que hoje temos acesso no Brasil não apresentam ou apresentam muito rapidamente o fato de Gramsci ter sido uma pessoa com deficiência, por um viés patológico ou mesmo como algo terrível que poderia ter acontecido em sua vida.

Através dos nossos estudos foi possível perceber que Gramsci foi protegido desde a sua infância por sua família, que escondeu até mesmo o fato de seus problemas físicos terem sido causados por uma doença e não por uma queda que sofrera do colo da empregada da família. Identificamos relatos que confirmam que, embora vivesse uma condição social difícil, principalmente após a prisão do pai, o pequeno Gramsci gozava de alguns privilégios no seio de sua família, devido as suas condições de saúde.

Outro ponto que merece o destaque é que constatamos, através de nossa pesquisa, que Gramsci era uma criança retraída e que, durante a sua juventude, dedicava-se arduamente aos exercícios físicos como forma de tentar diminuir ou amenizar as deformações e problemas físicos ocasionadas pelo Mal de Pott. Além disso, sempre foi muito disciplinado em relação aos estudos, o que nos levou a refletir sobre a possibilidade de que tamanha dedicação, possa ter sido uma forma encontrada por ele de supercompensação da deficiência, levando em conta todas as barreiras sociais, psicológicas e físicas enfrentadas desde sua infância.

É importante reforçar que esse artigo é o início de um trabalho de pesquisa que necessita de aprofundamento documental, especialmente no diálogo das cartas que envolveram Gramsci desde sua infância e de seus filhos educados na extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A deficiência de Gramsci e o questionamento à matrícula de seu filho em uma escola especial são temas ainda bem pouco estudados (se

não esquecidos), mas sobre os quais é preciso desenvolver pesquisas a respeito, buscando fontes documentais e orais, na Itália e na Rússia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. J. F. *Como fazer uma pesquisa bibliográfica*. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.

BARNES, C. Deficiência e Políticas Sociais: Entrevista com Colin Barnes. [Entrevista cedida a] Debora Diniz. *SER Social*, [S. l.], v. 15, n. 32, p. 237–251, 2013. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/13043. Acesso em: 22 fev. 2023.

BRASIL. *Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009*. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo facultativo, assinado em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

CARVALHO, M. A. R. Prefácio à edição brasileira. In: VACCA, Giuseppe. *Vida e pensamento de Antônio Gramsci 1926-1937*. Rio De Janeiro: Contraponto, 2012. p. 19-26.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

D'ORSI, A. *Gramsci: uma nova biografia*. Tradução: Cristina Bezerra. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

DINIZ, D. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FARIAS, A. Q. *Trajetórias educacionais de mulheres: uma leitura interseccional da deficiência*. 2017. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

FIORI, G. *A Vida de Antônio Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARCIA, R. M. C. A educação de sujeitos considerados portadores de deficiência: contribuições vygotkianas. *Ponto de vista*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 4-90, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1519/1528>. Acesso em: 22 fev. 2023.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução: Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

GRAMSCI, A. *Cartas do Cárcere*, Volume 1 – 1926-1930. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

GRAMSCI, A. *Cartas do Cárcere*, Volume 2 – 1931-1937. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

LEPRE, A. *O prisioneiro: a vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MELLO, A. G. *Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência*. 2014. 262 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182556>. Acesso em: 22 fev. 2023.

PAIVA, M. J. Gramsci do início ao limite da liberdade interior. In: LOLE, A. *O Fermento de Gramsci na nossa filosofia, política e educação*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. p. 21-40.

PICCOLO, G. M.; MENDES, E. G. Nas pegadas da história: tracejando relações entre deficiência e sociedade. *Educação Especial*, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 29–41, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4611>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SEABRA JÚNIOR, L. *Inclusão, necessidades especiais e Educação Física: considerações sobre a ação pedagógica no ambiente escolar*. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

VACCA, Giuseppe. *Vida e pensamento de Antônio Gramsci 1926-1937*. Rio De Janeiro: Contraponto, 2012.

VIGOTSKI, L. S. *Problemas da defectologia*. Organização, edição, tradução e revisão técnica de Zoia Prestes e Elisabeth Tunes. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021. v. 1.

Recebido em 13 de março de 2023

Aceito em 24 de abril de 2023

Editado em junho de 2023